

o edital.

6 nov 51

DA ITÁLIA

ROMA, outubro — Há um homem falando sobre pintura, em espanhol, no bar de meu hotel. Presto atenção à conversa, e quinze minutos depois meu Bitter Campari está em sua mesa: é Siqueiros, o mexicano que formou trinca com Rivera e o falecido Orozco. Já esteve no Brasil, fez conferências no antigo Clube de Arte Moderna de S. Paulo, de outra vez viajou da Argentina para o México em um naviozinho que foi tocando em todos os pequenos portos brasileiros; e me pergunta por Di Cavalcanti, Portinari e alguns pintores e escritores de S. Paulo. Está ali com a mulher e uma filha moça que é bailarina em Londres (parece que é filha de outro casamento de sua esposa) e acabamos falando em francês, porque seu italiano é péssimo; e para mim, um brasileiro na Itália, é completamente impossível falar espanhol: a gente quer dizer "mujer" e sai "dona", quer dizer "acá" e sai "qui". E me dá uma notícia que mando com alegria: convidado pela direção do Museu de Arte de S. Paulo e do Museu de Arte Moderna de S. Paulo, vai ao Brasil no ano que vem fazer uma grande exposição. Que, de resto, não mostrará sua verdadeira arte, que é o afresco:

— "Não faço pintura de cavalete. Todos os meus quadros são estudos para pintura mural".

Siqueiros

Usa técnica e materiais novos para essa pintura — duco, piroxilina, lineite. Acabou de fazer "Cuanu-tempc redivivo", no Palácio de Belas Artes de México, e está terminando "Patricios e patricias", na antiga sede da Alandega, que é um dos edifícios coloniais mais belos do México, e que está sendo transformado em Museu. As dimensões dessa obra são 30 por 35 metros; Siqueiros trabalha, naturalmente, com uma equipe de ajudantes. Tem ainda um outro mural para executar, e para o qual já fez esboços e estudos; é um "Canto à vida e à saúde", a ser pintado em um hospital. Ele interessa, com Rivera (Orozco era o terceiro membro, e ainda não foi substituído) a Comissão Nacional de Pintura Mural do governo mexicano. Acredita que o caminho fatal da pintura é a pintura mural com temas sociais. Fala-me sobre as novas técnicas de reprodução, ainda susceptíveis de aperfeiçoamento, que podem tornar um pequeno quadro de cavalete mais conhecido do que qualquer pintura mural, e ele me diz que dá a importância devida a essa conquista da técnica; mas acredita que, pela sua própria natureza, a nova pintura de temas sociais tenda a conquistar a parede.

Quanto à arte abstrata, não a acha concebível nos países em que a ânsia de renovação social e de criação de novas formas de vida coletiva apassiona os artistas; mas de qualquer modo estes devem ser livres de fazer arte abstrata ou figurativa. Tem notícias da Bienal de S. Paulo e lamenta que seu país não se tenha feito representar; a verba de que o governo poderia dispor para pagar os seguros dos quadros estava, na ocasião, esgotada. O resto de nossa conversa fica para o dia seguinte, porque ele tem um jantar marcado.

R. B.

6.11.51

569